

ENSAIOS

UMA MEDUSA ERÓTICA: POEMAS MITOLÓGICOS

One erotic medusa: mythological poems

Aimée G. Bolaños

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Ottawa University

bolanosaimée@gmail.com

*Só tens que olhar a Medusa de frente para vê-la.**E ela não é mortal. Ela é linda e está rindo.*

Hélène Cixous

RESUMO

Este texto apresenta um conjunto de poemas mitológicos que tem por centro a figura feminina. Os poemas fazem parte do livro de minha autoria *Erótica Medusa* (2021), aqui introduzidos por uma reflexão de autopoética que se detém na significação de Medusa, tanto nas versões clássicas como ressignificada. Nesse contexto referencial, interessa especialmente a interpretação de Hélène Cixous no vínculo com a escritura feminina.

ABSTRACT

This text presents a set of mythological poems centered on a female figure. The poems are part of my book *Erótica Medusa* (2021), introduced here through an autopoetic reflection that focuses on the significance of Medusa, both in the classic and ressignified versions. In this referential context, Hélène Cixous's interpretation of the link with female writing is of particular interest.

I. Medusa e outras figuras mitológicas

Recentemente publiquei *Erótica Medusa*¹. Tomando as palavras de Octavio Paz, diria que o termo “poesia amatória”, também presente na identificação do livro, acolhe configurações imaginárias da relação entre erotismo como poética corporal e poesia no sentido de uma erótica verbal (PAZ, 1995, p. 9). Assim, erotismo, amor, sensualidade, desejo entrelaçam-se nesta obra desde um ponto de vista feminino inclusivo que indaga identidade e alteridade na ficção poética.

A mulher silenciada, alienada, sublimada, demonizada, representada durante séculos pelo olhar masculino nas sociedades patriarcais nos extremos angelicais ou monstruosos, hoje tem visibilidade e voz própria para falar de tudo e, sobretudo, de erotismo. Se algo caracteriza o erotismo feminino é sua riqueza inesgotável. A esse caudal rico, diverso, atuante, sobre o qual temos muito a dizer, rende tributo uma *Erótica Medusa*.

A intenção é evidente: subverter o discurso sentimental instituído pela tradição – sem renegar o impulso romântico –, pois sua matéria é o amor, representado em variadas formas. Em relação ao erotismo, o livro também tenta ir além da exibição pessoal, embora compartilhe uma experiência vital criativa contrária a moralismos castradores, a exclusões e binarismos, especialmente corpo e alma, masculino e feminino, sexualidade e espiritualidade.

¹ BOLAÑOS, Aimée G. *Erótica Medusa*. Poesía amatoria/Poesia amatória, 2021. Todas as citações pertencem a esta edição.

Com tal intenção, o livro explora um erotismo feminino vital, indefinível, atuante, atrelado à escritura em uma ficção da pulsão de vida que não desconhece sua dimensão trágica. Esta interpretação condiciona as partes constitutivas do poemário: “Do amor”, “Amante”, “Eros refulgente” e “Eros e Tântatos”. Percorrem conceitos e sensibilidades, figuras, vidas imaginárias que, longe de fechar, estão em processo de constituição.

Erótica Medusa está composta por poemas de vários ciclos criativos, publicados ou inéditos, que fabulam figuras de referente mitológico, junto a outras que criam mais abertamente a ilusão autobiográfica tão própria da lírica, mas em modalidade autoficcional. Alinhava os poemas o fio amatório que supõe amar com a integralidade de corpo da vida e da visão de mundo, amalgamados amor e erotismo. Lido em conjunto seria possível apontar a criação de identidades femininas, que poderão ser mais realistas ou fantásticas, sob a forma de biografemas geralmente configurados de modo performático. Nesse espaço metaficcional, o sujeito autor se desdobra em diversas instâncias ficcionais não excludentes.

Nesta seleção para o *Caderno Literário*, são apresentados poemas mitológicos que instigam o leitor com seus sentidos conjecturais. Esta dimensão mítica, de ostensivos referentes socioculturais, resulta muito favorável para a invenção. Assim em *Erótica Medusa*, autor e leitor indagam nos fragmentos de vida das figuras em uma espécie de *mise en scène*, mas configuradas em um sistema semiológico de segunda ordem.

Entre os muitos pensadores das funções míticas, gostaria de invocar Roland Barthes², para quem o mito constitui uma forma ambígua, contraditória, cheia e ao mesmo tempo vazia, entendimento que em termos de prática autorreflexiva, instaura amplas possibilidades. A partir desta perspectiva a releitura do mito, ao superar sua contingência de letra já estabelecida, longe de esconder suas funções metaficcionais, as exhibe, evidenciando que seus sinais não são arbitrários. Barthes analisa como o mito congela os significados para lançá-los a uma semiose sem fim. Cada época – leitor, intérprete, autor – inscreve nele significados tão intemporais como expressivos de seu tempo e personalidade criadora.

De modo estratégico, a representação mítica interpela a partir de analogias e gera diversas leituras. O mito lido diacronicamente conserva vestígios das interpretações anteriores; lido em sincronia, oferece uma trama irreal possível. Sendo uma estrutura ambígua, seu paradoxal vazio admite diversas leituras. Portanto, ler literariamente um mito é entrar em uma vasta rede de formas hipotéticas. Precisamente, desta forma funcionou a imaginação de uma Medusa erótica.

Sobre sua figura, relativo ao mito clássico também reconfigurado, deixo falar a Giliard Barbosa que oferece chaves: “vencidos os estereótipos do arqueiro alado e do monstro petrificante, Eros e Medusa revelam infinitas faces do mesmo”³. E argumenta: “A mulher-monstro deve seu ser e devir aos caprichos de Atena, responsável por sua condição, suplício e sacrifício. É punida por ter sido violada, dizem algumas versões – a vítima é então a quem se pune desde os tempos imemoriais (p. 15)”. Medusa será castigada por violar hierarquias, por ousar, por sonhar outras formas de ver; Eros, também castigado por si mesmo.

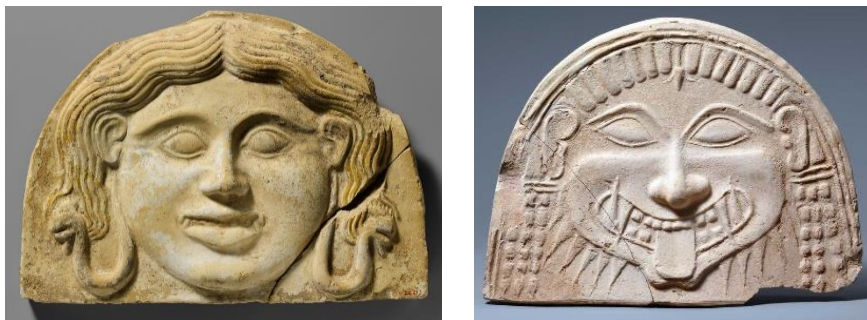
Neste sentido, aprofunda Barbosa: “*Erótica Medusa* parece nos anunciar uma transgressão não só pela imagem entre serpentes e asas angélicas que possamos formular num primeiro momento, mas também porque reúne movimentos contrários, conflitos, angústias, desejos, paixões, sonhos e impedimentos. É drama no sentido etimológico da palavra: convoca-nos a agir” (p. 15-16). Essas duas figuras míticas, que parecem estar nas antípodas, aproximam-se de modo insólito. Há uma vontade de ir além, de entender algo que só pode ser pensado na transgressão.

Como sabemos, Medusa é uma figura recorrente em tempos e culturas. Para a antiguidade greco-romana foi, nos primórdios, uma divindade apotropaica que aparecia sorrindo e até mostrava sua língua de modo irreverente. Seu nome significa guardiã ou protetora⁴.

² Ver: BARTHES, Roland. *Mitologías*, 1980.

³ BARBOSA, Giliard. A ti, que me tienes a tu alcance. In: *Erótica Medusa*, op. cit., p. 15.

⁴ Como indica Anchyses Jobim Lopes, a tradição romana e a função apotropaica do rosto de Medusa no busto da estátua



Cabeças de Medusa
(Grécia, século V e IV a. C)

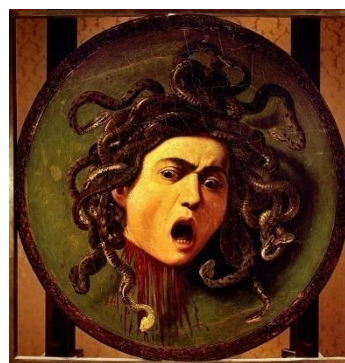
Como figura monstruosa de um mito ctônico, Medusa está presente na poesia homérica, em Ovídio, Dante, Shakespeare, Goethe, entre seus mais notáveis intérpretes literários. Sua imagem chega até nós através de um arquétipo associado à sedução, poder e morte. Uma figura que desloca, desequilibra, desordena. Seus significados de maneira paradigmática se concentram na cabeça aureolada de serpentes, alusiva à vulva de pelos pélvicos encaracolados, também, imagem fálica, de forte apelo subconsciente e, segundo a visão freudiana, associada à castração.

Quem sabe se por isso a arte renascentista, na voluntarista releitura da mitologia greco-latina, a representa na versão monstruosa, consagrando uma imagem que terá longa persistência. Em Benvenuto Cellini, Medusa está quase reduzida à cabeça morta, privada de consciência, convertida a troféu que Perseu, olhando para o espectador, exhibe desde seu pedestal em celebração alegórica ao poder histórico dos Médici.

Caravaggio concebe uma Medusa no espanto, dilacerada e surpresa, em alarido descomunal. Sua cabeça está já colocada no escudo de Perseu, as serpentes em movimento furioso: “Do pescoço espirram jatos de sangue. Medusa, flagrada no instante logo após a decapitação, não fixa seu olhar na direção do olhar do espectador, o que poderia petrificá-lo, mas para baixo, para seu próprio pescoço cortado” (LOPES, 2019, p. 32).



Perseu com a cabeça de Medusa
Benvenuto Cellini (1554-55)



Medusa
Caravaggio (1597)

de Atena citado por Freud são de origem muito anterior a uma escultura da Grécia Clássica (...) a época romana da origem do maior número de jóias, túmulos e objetos diversos com o rosto de Medusa. O busto do imperador Adriano o representa com a face de Medusa esculpida no peito (p. 32). Ver: Cabeça de Medusa: de Caravaggio a Freud e Lacan - sobre pintura e psicanálise (2019).

Neste marco representacional, a escultura de Camille Claudel “Perseu e a Gorgona” marca uma diferença significativa ao dar primazia visual, portanto conceitual, ao corpo dilacerado de Medusa que remete a sua cabeça, muito mais relevante que o “vencedor” Perseu. Sua visão ousada, inconformista entra em confronto com as representações canônicas e abre o espaço criativo para novas interpretações.



Perseu e a Gorgona
Camille Claudel (1905)

Nesse imaginário, Hélène Cixous (1995), dá uma guinada radical quando propõe uma Medusa, linda, que ri e deve ser olhada de frente. Em *O riso da Medusa*, a autora mobiliza um conjunto de possíveis respostas quando abre uma pergunta fulcral: “Quem? Invisível, estranha, secreta, impenetrável, misteriosa, negra, proibida... Sou eu” (p. 22, tradução nossa). Essa interrogação, que Medusa e outras figuras míticas da mesma linhagem carregam, está na base teórica de um novo ciclo criativo da imagem da mulher, processo de extremo conflito com as práticas e normas, tanto históricas como socioculturais dominantes. Eu também, tentando tomar consciência da autopoiese, me perguntei quem sou? Certamente uma interrogação ontológica fundamental que está muito presente no discurso feminino, pergunta tão antiga como atual que na minha experiência motivou os poemas de *Erótica Medusa*.

A partir de vivências da memória traumática, não poucas vezes recalçada, o mito de Medusa tem fortes ressonâncias em seus intérpretes atuais. Sua imagem subversiva também abre as portas para a elaboração memorial autorreflexiva, tanto prospectiva como retrospectiva, concentrando o que Leonor Arfuch⁵ chama “esse poder do ter sido” do espaço biográfico, onde configurar uma vida alcança significados transcendentais na articulação do pessoal e social.

Em contraposição à lógica patriarcal, Medusa propõe uma identidade simbólica complexa e inclassificável. Na alta modernidade poderá aparecer, entre outras variantes, como figura poderosa, autocentrada, transgressiva. Para Cixous, a sexualidade de Medusa “só se inscreve no interior das fronteiras” (p. 49, tradução nossa). Sua figura é configurada na oposição à masculina, quando castradora, e na expressão de sua afirmação humana.

A alteridade de Medusa traz consigo uma identidade irreduzível ao binarismo. Permite imaginar “a mulher retornando esse corpo que, no mínimo, lhe confiscaram; esse corpo que converteram no inquietante extravio do lugar, o doente, o morto, e que, com tanta frequência, é o mau amigo, causa e lugar das inibições. Censurar o corpo é censurar, de passagem, o alento, a palavra” (p. 61, tradução nossa), assim reflete Cixous.

⁵ Ver: Leonor Arfuch. *O espaço biográfico* (2010), particularmente esclarecedor resulta o capítulo “O espaço biográfico: mapa de território”, p. 35-82.

Portanto “É preciso que a mulher escreva: que a mulher escreva sobre a mulher e faça com que as mulheres venham à escritura, da qual foram afastadas tão violentamente como o foram dos seus corpos” (p. 61, tradução nossa). A recuperação do corpo fundamenta a relação de Medusa com funções pragmáticas simbólicas inerentes à escritura feminina, gerando variados tipos de discurso, no caso da literatura geralmente referidos à autorreflexão, autopoiese, autopoética, autoficção.

Existência social e olhar poético estão unidos nesta visão. O mito e a literatura correspondem-se como formas da imaginação. Na visão de Cixous, Medusa supõe uma espécie de torção, espelhado na escritura, que implica uma relação sem censura com a sexualidade, com o ser-mulher no acesso às próprias forças e na restituição de suas potencialidades. Criatividade, conhecimento, força transformadora, imensos territórios proibidos recobrados.

Ao contrário do que pensa George Bataille para quem o erotismo implica um “EU perco-me” (BATAILLE, 1980, p. 3), esta Medusa desafiadoramente erotizada está se encontrando na reintegração de cabeça e corpo, nada mais erótico que o próprio pensamento. Então, novos sentidos a fabular, tanto nela como em outras figuras míticas ressignificadas.

Reivindicar a relação entre o corpo feminino erotizado e a escritura sinaliza também a urgência de trazer às mulheres a sua presença na história. Palavra poética, existência e mirada interagindo na representação do sujeito mulher em metamorfose. O corpo da vida, conteúdo e continente existencial desconhecido ou vedado, transforma-se em espaço privilegiado da escritura na reafirmação libertária.

Tal foi minha intenção no poema que dá nome ao livro, onde aparece uma Medusa autoerótica que celebra o encontro de si mesma no seu prazer, transformada em gesto vital e palavra do próprio gozo. Com estes e outros significados que o leitor imagine, sua imagem recodificada atravessa *Erótica Medusa*, não importa se inominada, a modo de presença mítica irradiante. Ela vai do abismo da violência de gênero e da diferença à reconquista de si. Medusa está fora de qualquer norma, o emblemático olhar e a difícil beleza que a distinguem criam possíveis formas de existência em liberdade e libertárias. O espanto transforma-se em consciência autocriativa.

Na seleção mínima de poemas mitológicos de *Erótica Medusa*, que poderá ser lida a seguir, ademais convivem figuras de diversas ordens imaginárias como Iansã/Oyá, da mitologia iorubá, tão patente na cultura afro-americana (Brasil e Cuba predominantes), Layla do universo persa clássico, menos reconhecido pela cultura ocidental, Isis do panteão egípcio, embora de mais antiga origem mesopotâmica e figuras gregas: Psique, Eros, Tânatos, Minotauro, Ariadne, Pandora, Eurídice.

A partir da reflexão sobre Medusa, e em referência a outros poemas incluídos nesta seleção temática, vale destacar como as figuras míticas femininas atuaram nas versões canônicas de modo geralmente secundário. Configuradas como ajudantes do herói, elas acolhem, facilitam, esperam, entregam. Em oposição a estas funções, não só está Medusa. Destacam-se Ariadne, imprevisível e incansável na perseguição labiríntica do desejo e Pandora abrindo a caixa proibida para liberar seu prazer. Neste conjunto, aparece, ademais, a contadora inominada da história de uma cabeça perdida e felizmente recuperada em um jardim submerso, tributo ao imaginário de Gwendolyn MacEwen, extraordinária poeta e narradora de mitos⁶.

Outra figura chave nestas reconfigurações é Eurídice⁷ no inferno. Como leitora de Margaret Atwood, Joana Rosa Pita, Sophia de Mello Breyner Andresen fiquei fascinada com suas versões transgressivas nas que Eurídice se torna sujeito principal da trama, figura de múltiplas faces, espécie de prisma que refrata e reflete.

Na poesia contemporânea, estas variações desenvolvem a metáfora seminal da metamorfose, aprofundando-se em formas cada vez mais autoconscientes de identidade, desestabilizadoras dos modelos patriarcais, especialmente nas performances de gênero referentes à subversão da invisibilidade e do silêncio. Eurídice, figurada na esteira dos atos libertadores, tão característicos da poesia de autoria feminina, tem suas próprias formas de oposição às imposições sociais que tentam

⁶ Ver: Aimée Bolaños e Hugh Hazelton. Gwendolyn MacEwen: versiones de su poesía (2017). Neste texto aparece a tradução do poema ao espanhol e comentário “The Garden of the Thieves” (p. 169-170).

⁷ Ver: Aimée G. Bolaños. Variações sobre o tema de Eurídice (2021, p. 1-18).

desvanecer seu corpo, reduzida à sombra e condenada à marginalidade infernal.

Em dimensão alternativa, Eurídice assume outras formas e retorna com um poder vivificador desconhecido. Pode ser reflexo, espelho, especulação, mas das próprias forças autocriativas. A voz ganha realidade, o corpo torna-se sonoro. Como figura que habita nos poemas, seu amor obra com compaixão e na paixão. É da linhagem de Antígona na versão de Sófocles. Nasceu para compartilhar, não o ódio, mas o amor.

A essa genealogia, nem tão comum no panteão ático, pertence esta Eurídice que deixa partir o amado e auspicia sua ascensão à vida, que volta do exílio trazendo para Orfeu dilacerado umas frutas prodigiosas de seu jardim do fogo. Mulher errante, livre e ousada, amada e amante deixada para trás no inferno que, longe de desaparecer, se refaz na livre constância.

Sua imagem incita a procurá-la nas formas fluidas, insubmissas, em movimento autoconstitutivo. Assim, na subversão do papel do herói, Eurídice desce ao inferno e desafia o poder da morte. Semelhante a Ísis, refaz o corpo desmembrado do amado e cria uma vida sem morte porque tem fé na forma do amor. Finalmente regressa, motivo caro à tradição clássica. Seu retorno é obra do “Amor constante, além da morte”, como no ímpar soneto de Francisco de Quevedo, tema magistralmente reinterpretado por Carlos Fuentes em *Aura*. O amor em Eurídice é possibilidade infinita que faz acontecer o impossível.

Finalmente gostaria de dizer que os poemas mitológicos surgiram na interação da escrita reflexiva e da ficção. O simbolismo da história canônica, em todos os casos tem funcionado como efeito de estranhamento, espécie de distância crítica que permite falar do não falado, abrir portas à intimidade inconfessa para ir ao encontro de si e das outras que também existem em dimensões possíveis e impossíveis da experiência vital.

Essas figurações míticas permitem ultrapassar o limiar, deixar para trás o reino da dor e da perda ao tornar visíveis e interpretáveis fragmentos de vida na ficção. Com Medusa, e outras tantas figuras memoráveis ou desconhecidas, celebremos a beleza da mulher que recupera o corpo da vida ao se olhar no próprio espelho da alteridade, assumindo jubilosamente seu prazer e liberdade. Uma Medusa que mergulha e voa; Medusa que ri.

II. Poemas mitológicos de *Erótica Medusa*

Erótica Medusa

erótico é o sonho
 peregrinando
 nos corpos intocados
 erótico é o gesto
 que nem na viagem
 mais delirante
 alcançou a terra prometida
 mas fez arder
 uma sagrada chama
 erótico é o olho
 emblemático escudo
 dos espelhos mortais
 erótica é a cabeça
 Medusa sem corpo
 erótico é o pensamento
 que na noite descomunal
 flutuando até o êxtase
 da forma nas águas litúrgicas

do devir puro
 onde te sabes mortal
 medusa orgásmica
 medusa erótica
 medusa aureolada
 por serpentes
 e no centro da mirada

Para Gwendolyn

*For years I have wanted to write a poem called
 The Garden of the Thieves.
 Gwendolyn MacEwen*

Desci até o mais profundo
 nas águas nebulosas do adentro.
 Era um jardim imerso de olhos florescido
 com pinhos oscilantes
 e elusivos peixes de nevoeiro.

No umbral estava o Ladrão
 que invocava o destino
 e entre suas mãos minha cabeça
 de ilusa medusa decapitada
 sangrando em um prato.
 Esperançoso o corpo
 que sem entender sorria
 buscava às cegas sua cabeça
 e ao encontrá-la com alegria
 a encaixou de novo.
 No atemporal espelho das águas
 me vi errante mulher amante
 que se coroa a si mesma.

E apesar de que tudo perdi
 agora finalmente inteira
 te conto esta história feliz
 da cabeça recobrada
 no jardim prodigioso.

Eu/Iansã

Não sou um corpo.
 Sou a caça feroz
 aquela nau
 e a memória partida
 da origem para além da origem.
 Me cortaram a língua
 me rasgaram o sexo
 meus peitos de leite
 e o prazer do prazer

me foram sequestrados.
 Fecharam a caverna úmida
 onde para mim voltava.
 Me deixaram vestida.
 Discursante mas muda
 vazia.
 Ai do meu cheiro de fera.
 Ai do meu cabelo furioso.
 Ai dos meus lábios profundos.
 Ai do meu ventre ferido.
 Sou um caminho dilacerado
 que ainda sangra.
 Sou as águas que correm
 a semente sem nome
 a liberdade de um dia.

Sou meu corpo veloz
 com todas as cores engalanado
 e a mirada absoluta.
 Sou a esposa do trovão
 a guerreira justa.
 Sou o vento fulminante.
 Contra mim nada pode:
 além do medo é minha casa.
 Estendido está meu leito
 de turbulentas águas.
 E entre minhas pernas
 o prazer é um rio.
 Nasci em uma ilha
 e a ela voltei dividida.
 Sou dona dos mortos
 mas meu lugar é a vida.
 Arrasada e arrasadora
 trago a renovação sem fim.
 Sou a tempestade
 e a harmonia.
 Sou o caminho inconcluso
 a memória aberta
 e a liberdade de um dia.

Layla: Confluência

Nada morre na infinidade da alma.
 Se já fomos dois peregrinos exilados
 vagando nesta terra dolorosa do tempo
 no abraço místico recobremo-nos Um.
 Sou a noite das confluências radiantes.

Deixa o corpo arrasado da errância

e repousa na minha luz com alegria.
 Amado y Amante trocados
 no êxtase da mirada.
 Escribas livres de tão largo exílio
 que cantam a volta
 à verdade do amor e da Vida.

Ísis rosa

É duas asas infinitas
 que se desdobram suntuosas
 engastadas em um talo.
 Não é mais que essas duas asas.
 Seu rosto a cada volta renasce.
 Sabe que Eros e Tânatos
 são do mesmo fases.
 Mãe de falecidos e vivos
 vai juntando os pedaços
 e quando agita suas asas
 o corpo desmembrado
 no amor refaz.

Depois da ilusória vida
 habita a casa real
 da vida verdadeira.

Almas eróticas

Leve todo-poderoso
 Eros se encarna a si mesmo
 e Psique no sonho o imanta.
 Sustentados pelo ar
 com as asas erguidas
 seus corpos se entrelaçam.
 Refulge a ferosa harmonia
 das almas corpóreas
 e seus corpos alados.

Almas eróticas de mármore
 mais vivo que a carne.

Mitológicas

As Ménades enlouquecidas
 do gozo sensual privadas
 com fúria o despedaçam
 e afundam sua lírica cabeça
 no rio gelado da morte.

Ísis apaixonada o busca

unge devota seus pedaços
cria um belo falo de ouro
bate as asas com fé
e amante o ressuscita.

Em toda história
entre a fúria e a fé
o amor é forma.

Aviso

Eros mais fugaz que eterno
padece e a morrer se nega
embora delicioso ensaie
cada uma de suas mortes.

Mas o amado mensageiro
de Rougemont clarividente
já nos avisa: o amor-paixão
só se consoma em morte.

Tânatos vence sempre.

Despedida de Eurídice

aceito dizer-te adeus
te despeço neste lugar
estático da noite
onde darei vida
aos signos favoráveis
de tua ascensão
oculto nos espelhos negros
saberás que irás sozinho
acompanhado de augúrios
e de rumores delicados
porque teu lugar é o eco
e ao nos despedirmos
invocarás meu nome
para que seja imagem
e as palavras do amor
sem tempo

amor te deixa partir

Así habló Eurídice

*You hold love in your hand, a red seed
you had forgotten you were holding.*
Margaret Atwood

Estou de volta do olvido
meu amor foi fiel no desterro.
Estou em tua memória nítida
porque era teu ser verdadeiro.

Quando me perdeste no inferno
depois de muito andar sem rumo
no frio umbral da desmemória
me acolhi a minha sombra desolada.

Guardei os signos do tempo
aprendi o prazer de ser intacta.
Vesti as sutis roupas do silêncio
e as sandálias aladas da morte.

Por fim regressei com outra forma.
Mariposa negra em jubiloso luto
inumerável semente ao vento.

E como sei que estás dilacerado
te trago estas romãs milagrosas
de meu vivíssimo jardim do fogo.

Descenso

Ando em busca do Amado
que tem todas as formas
duração imortal e eco.
Mas a morte nos precede.
Lá no seu fundo está ele
perdido amor sem corpo.

Cada noite o invoco
e transmutado em sombra
entre aromas resplandece.
Cálida onda do vento
túrgida água que em mim
abre sendas inéditas.

Até ele desço
e na vida o acolho
para o amor sem morte.

Outra versão

Tú abres el cofre de tus deseos

Alejandra Pizarnik

Só ao contar esta história
descobriu o enigma da caixinha
tão real como simbólica
que no final da viagem
atordoada e suja do caminho
tinha entre suas mãos ávidas.
Pura tentação e desafio.

Então a abriu.

Eros absoluto
com seus todo-poderosos
eflúvios espirituais penetrando
em um corpo transfigurado
pelo fogo da esperança.

E foi o desaforado prazer
do conhecer delicioso.
Êxtase do desejo avassalador.
Estrondosa caída cega
em delirante harmonia.

Com o júbilo do gozo
soube que era tempo de partir
para a ignota morte grande

Minotauro

*E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*
Fernando Pessoa

Na caverna-labirinto
com seu umbral de águas
nu e quieto
o Minotauro me esperava
convidando-me à morte
que sei não é a dele
senão a minha.

Sem hesitar entrei
mas a ordem impenetrável
do destino fez que ele fugisse
transmutado em quimera.
Pelas horas do tempo
vagamos até nos encontrarmos
em uma volta da espiral.
O Minotauro saltou sobre a vida.

Acaricie sua cabeça
 descomunal monstruosa
 com a boca devoradora.
 Me embebedei com a doçura
 do corpo intocado.
 Seu abismo sensual
 desatou todos os sentidos.

Na dualidade avancei.
 Agora ofício o mistério
 da horrível beleza.
 E do prazer interminável.
 Liberados do símbolo
 com suas cansadas metáforas
 criamos uma espécie rara.

Pensadores da ficção
 procuram meu nome mítico
 uma história com alegorias
 e atributos fantásticos.
 Mas sempre escapo.

Sou o indefinível.
 O um e o outro.
 As formas infinitas do desejo.

Ariadne

*Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto
 Sem jamais perderem o fio de linho da palavra
 Sophia de Mello Breyner Andresen*

Há histórias perdidas
 apagadas pela letra oficial
 e pelos guardiões da lei.
 Assim tem sido a minha
 de tão provocadora
 real impossível.
 Mal alinhavada desde sempre.

Meu nome lembra a aranha.
 Talvez porque incessante teço
 com invisíveis fios delicados
 que são os mais resistentes.
 O fio é meu ser verdadeiro.
 Sou o fio da palavra
 talvez da alma.

Escribas áulicos de remota era

inventaram que dei o fio a Teseu
desleal vencedor da morte.
Bizarros que eram e seguem sendo
legitimaram a versão do desafio
sem chegar até hoje a um acordo:
O Minotauro era bestial ou humano?

Desde o início sabia que Asterião
esperava com melancólica fé
seu libertador imaginário.
Nos passadiços do sonho
há anos o sussurrei a um poeta
amante de perdedores
e devoto de labirintos.
Aqui em uso do poder volátil
da escritura do não escrito
faço valer a verdade histórica
embora ela não exista
e ninguém acredite em mim

Fui eu quem entrou no dédalo
perseguido só o desejo.
Sem limites transpassei o umbral.
Quando nos encontramos vorazes
trocamos cabeças e corpos e sexos.
Desaforadamente nos amamos.
No instante descobri que o Minotauro
era uma fantástica metamorfose de Dioniso
com seus jubilosos ciclos vitais.

E como sou o fio da palavra que trama
transformei a morada de Tântatos
em um labirinto sem saída nem fim.
Casa de Eros inesgotável.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. México D. F.: Siglo XXI, 1980.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo, o proibido e a transgressão*. Lisboa: Moraes, 1980.
- BARBOSA, Giliard. A ti que me tens ao alcance. In: BOLAÑOS, Aimée G. *Erótica Medusa*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021. p. 14-15.
- BOLAÑOS, Aimée G.; HAZELTON, Hugh. Gwendolyn MacEwen: versiones de su poesía. *Interfaces Brasil /Canadá*. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 17, n. 3, 2017, p. 155-171.
- BOLAÑOS, Aimée G. Variações sobre o tema de Eurídice. *Interfaces Brasil/Canadá*. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 21, 2021, p. 1-18.
- BOLAÑOS, Aimée G. *Erótica Medusa*. Poesía amatoria/ Poesía amatória. Prólogo de Giliard Barbosa. Nota de orelha de María José Mures. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021. Edição bilíngue espanhol/português.
- CIXOUS, Hélène. *La risa de la Medusa*. Ensayos sobre la escritura. Prólogo y traducción Ana María Moix. Barcelona: Anthropos, 1995. [Tradução para o português, de Aimée Bolaños].

LOPES, Anchyses Jobim. Cabeça de Medusa: de Caravaggio a Freud e Lacan - sobre pintura e psicanálise -. *Estudos de Psicoanálise*, Belo Horizonte, n. 51, 2019, p. 25-56. Disponível na web: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000100003. Acesso 15 de agosto, 2022.

PAZ, Octavio. *A chama dupla*. Lisboa: Assírio e Alvim.